

THE HANDMAID'S TALE: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA E CONSTRUÇÃO DE PERSONAGEM SOB O OLHO DA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

THE HANDMAID'S TALE: ANALYSIS OF IMAGINE REPRESENTATION AND CONSTRUCTION OF CHARACTER UNDER THE EYE OF INTERSEMIOTIC TRANSLATION

Nathallie Lima do Rêgo
Sinara de Oliveira Branco
UFCG

Resumo: Este artigo busca analisar a construção da personagem Janine no romance *The Handmaid's Tale*, escrito por Margaret Atwood, e na adaptação do romance para a série homônima, observando a representação imagética e cultural dessa personagem. Para isso, embasamo-nos na Tradução Intersemiótica, na Teoria da Adaptação, além das concepções de Interpretação e de Representação. A metodologia para análise da personagem está localizada nos Estudos da Tradução, mais especificamente, em Tradução de Multimídia. Para a análise do corpus, formado por trechos do romance e imagens da série, foram selecionadas, compiladas e interpretadas situações de destaque da personagem Janine, representando aspectos verbais e não verbais que demonstrem a representação física e psicológica da personagem entre a adaptação e o romance. Os resultados indicam que a personagem em questão se constitui de formas distintas nos dois ambientes e que a sua construção se amplia na série, retratando a opressão feminina contemporânea.

Palavras-Chave: O conto da Aia. Tradução Intersemiótica. Adaptação. Representação. Margaret Atwood.

Abstract: *This paper aims to analyze the construction of the character, Janine, in the novel *The Handmaid's Tale*, by Margaret Atwood, and in the adaptation of the novel for the homonymous TV show, observing the cultural and image-etic representation of the character. To achieve this aim, the study is based on the Intersemiotic Translation, on the Theory of Adaptation, and on conceptions of Interpretation and Representation. The methodology for the character's analysis is located on the realms of Translation Studies, specifically on Multimedia Translation. To analyze the corpus, formed by excerpts from the novel and images from the TV show, intersemiotic aspects that form the physical and psychological representation of the character Janine were selected, compiled and interpreted, representing verbal and nonverbal aspects showing Janine's physical and psychological representation in the novel and in the TV show. Results have shown that Janine is constructed in different ways in the novel and the TV show, having her character expanded in the adaptation, representing the contemporary feminine oppression.*

Keywords: *The Handmaid's Tale. Intersemiotic Translation. Adaptation. Representation. Margaret Atwood.*

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os avanços em pesquisa envolvendo tecnologia e sociedade são cada vez mais perceptíveis. Há duas décadas não tínhamos Internet, computadores, ou smartphones, tampouco a imensa e questionável circulação de informações que transitam entre as mais diversas plataformas de mídia existentes. A década de 1990 foi marcada por diversos acontecimentos que tomaram notoriedade ao redor do mundo, dentre eles o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a epidemia da AIDS. Essa década foi também marcada por novas descobertas científicas e tecnológicas, pela representação e valorização de culturas, através da arte em suas mais diferentes formas, além de ter sido marcada por golpes militares, guerras e conflitos econômico-político-sociais, nacionais e internacionais, e, ainda, por mudanças e inovações linguísticas – todos esses fenômenos relacionados à globalização e à consagração da Internet. Aqui, entendemos a globalização enquanto prática que permite a comunicação e troca de experiências entre comunidades culturais diversas. Como Barton e Lee (2015) afirmam, na área de estudos da linguagem, a globalização é um fator cultural e linguisticamente diversificado que abre espaço para que diferentes culturas e línguas se desenvolvam simultaneamente.

A Internet, por sua vez, tem caráter revolucionário, o que nos leva a considerar as tecnologias, desde as suas mais antigas formas até as mais modernas. Segundo Barton e Lee (2015), a tecnologia está presente nas nossas vivências diárias independentemente do contexto. Sendo assim, as mudanças tecnológicas se apresentam como parte central da globalização, “mas é importante perceber que ela é um fator dentre um conjunto de fatores interligados que está transformando muitos aspectos da vida contemporânea” (BARTON; LEE, 2015, p. 53).

Assim como outros aspectos da vida humana, a busca pelo lazer e entretenimento tem surgido na história como parte substancial para uma boa qualidade de vida, exercendo um papel de recompensa aos esforços desempenhados dia após dia de trabalho. Com o passar dos anos, novas formas de entretenimento foram se revelando e se (re)criando. A literatura, por exemplo, arte concebida na antiguidade – tão antiga quanto a própria história – apresenta narrativas que se aproximam da realidade de um determinado público, ilustrando, muitas vezes, comportamentos, costumes, tratando de questões políticas e socioculturais de cada época. Posteriormente, através da adaptação para o cinema, a literatura se tornou ainda mais consumida e acessível, no que diz respeito à proximidade linguística e sociocultural com esses públicos. Além disso, Carlos (2006, p. 8) afirma que “[a]ntes mesmo do surgimento da televisão e do cinema, [...] a literatura já oferecia o esqueleto e o princípio central de funcionamento dos relatos em série”. Um exemplo que retrata o encontro da narrativa literária com o entretenimento em série é o folhetim, que conquistou o público na medida em que mantinha o suspense através de vários capítulos.

Dessa forma, o cinema da época abria portas para as mais diversas traduções cinematográficas e também se expandia para o entretenimento em massa, que se consolidava de forma ainda mais perceptível, mostrando, na década de 1930, a popularização da forma seriada, que se

deu através do rádio, dando nome à sua forma nos Estados Unidos da América: soap opera. Não demorando muito para que essa forma de entretenimento seriada se tornasse alvo de interesse televisivo, Carlos (2006, p. 10) afirma que “[n]o Brasil, o desenvolvimento do formato é semelhante, com o consumo popular das novelas radiofônicas antecedendo a consolidação do gênero na TV, que acontece a partir de meados dos anos 60”. Assim, as séries televisivas tornaram-se, desde suas primeiras aparições na televisão, alvo de enorme audiência, por se tratar, a princípio, de uma reprodução, adaptação da vida real para a mídia. Tendo em vista o entretenimento em massa, tornaram-se notórias as produções de séries de TV ao longo dos anos, fator que implicou no impacto nas indústrias de entretenimento, assim como na sociedade em geral.

Considerando a trajetória percorrida pela literatura, pelo cinema e pela televisão, na tentativa de reproduzir a vida em seu contexto multifacetado, aliada ao poder de persuasão que essas esferas midiáticas detêm, refletimos sobre como mídias diversas podem ser percebidas, ao longo dos anos, como ato comunicativo que permite a descoberta de novos contextos sócio-histórico-culturais, aproximando realidades distintas em escala global. Macura (1990) afirma que tradução significa um ato de informação cultural. Neste artigo, seguimos as considerações de Jakobson (2004), que considera a tradução um deslocamento de uma ou mais mensagens de uma fonte para outra, considerando a mensagem um texto verbal e/ou não verbal e considerando também os ambientes multisemióticos que permitem esse deslocamento.

Tomando a tradução como via de aproximação entre realidades, utilizamos para a seleção de corpus o romance *The Handmaid’s Tale*, escrito por Margaret Atwood (1986), em contraste com a adaptação para a TV na série homônima produzida pela plataforma de streaming Hulu, que retrata uma realidade distópica. A distopia é um termo filosófico geralmente considerado contrário à utopia. Etimologicamente, “[d]istopia é uma palavra formada pelo prefixo dis- (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais topos (lugar). Em sentido literal, distopia significa forma distorcida de um lugar” (HILÁRIO, 2013, p. 205). Isso quer dizer que utopia e distopia são palavras que caracterizam futuros imaginários, ficcionais.

The Handmaid’s Tale promove discussões pertinentes para a contemporaneidade, na medida em que traz à tona um horizonte ético-político distorcido e, também, o sentimento de impotência refletido na representação das mulheres, após terem seus direitos tomados. Um dos aspectos tratados na literatura distópica é a denúncia a governos totalitários e a repressão vivida durante esses regimes.

Tomando por base os aspectos acima mencionados, buscamos analisar a construção da personagem Janine, considerando a opressão feminina no contexto do romance e da adaptação para a série de TV, observando a representação de personagem através da tradução intersemiótica. Para atingirmos esse objetivo, identificaremos e descreveremos, entre texto e imagem, a construção da personagem Janine, no romance e na série, sendo Janine representante da opressão vivida por mulheres em ambos os contextos, considerando a representação da personagem no contexto de realidade atual. A seguir, discutiremos os aspectos teóricos que embasam o estudo.

2. TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA, ADAPTAÇÃO E CULTURA

Pensando no contexto de produção e recepção de textos traduzidos, compreendemos a tradução enquanto ato comunicativo e de produção linguística. Segundo Jakobson (2004), o conhecimento linguístico adquirido pelos seres humanos permite identificar as palavras que representam cada signo linguístico, sendo o significado das palavras, por si só, um fato linguístico, um fato semiótico. O autor quer dizer que não existe atividade linguística sem tradução, uma vez que ao atribuímos significados aos objetos estamos interpretando um signo através de um outro signo. Como aponta Jakobson (2004), tanto para os linguistas quanto para o usuário comum das palavras, o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído.

Tendo em vista as categorias de tradução apontadas por Jakobson – interlingual, intralingual e intersemiótica –, é necessário discutir como a interpretação desses signos funciona nas mais diversas semioses. Mas o que seria essa interpretação? Ou melhor, como funciona esse tipo de tradução? Rajagopalan (1992) afirma que, para um linguista, de forma mais ampla, a interpretação resume-se a uma espécie de explicitação, sendo a ação de tornar explícito algo que estaria composto pelo próprio objeto de interpretação:

Dentro desta perspectiva, a interpretação assemelha-se à representação, ou se quiser, a re-apresentação do “significado original” – de fato, como muitos críticos vêem o papel de um ator, cuja qualidade artística seria então mensurável em termos da qualidade que sua representação demonstra em relação ao personagem tal como o autor da peça o concebeu” (RAJAGOPALAN, 1992, p.64).

Seguindo as ideias do autor acima, atribuímos à interpretação uma ideia de representação em seus mais diversos e amplos significados. Sendo a ideia principal da interpretação atribuir significados a partir de experiências, enquanto seres humanos participantes de uma determinada esfera sociocultural, consideramos tradução intersemiótica o meio pelo qual podemos “interpretar”, “representar” um signo através de outro signo ou um sistema de signos, sem a perda comunicativa, sendo esse outro signo apresentado como uma imagem, seja ela uma figura, um desenho, um símbolo, uma fotografia, um quadro, uma pintura, ou até um filme, uma série de TV.

Dois pontos são de extrema importância para a tradução: a interpretação e a construção do significado, sendo ambos suscetíveis e dependentes das nossas experiências enquanto seres humanos e sujeitos (inter)agentes no mundo. É pensando na interpretação e na representação que percebemos a adaptação enquanto um meio pelo qual se transpõem essas interpretações. A partir dessas considerações observamos os meios pelos quais essas adaptações se constroem e se (re)configuram.

Tendo em vista a tradução imagética e os fatores que dizem respeito à (re)criação, to-

mos a interpretação e a compreensão como fatores distintos, exercendo funções peculiares para a construção de sentido entre manifestações visuais diversas. Para Arrojo (1992, p. 67) interpretar e compreender são ações opostas e “[a] oposição compreensão X interpretação, aliás, é apenas umas das consequências teóricas da aceitação de uma distinção absolutamente demarcável entre sujeito e objeto”. Pensando em seu caráter subversivo, em suas vias de produção, a tradução se faz presente na hipertextualidade, uma vez que não limita o texto à escrita e expande seus horizontes na amplitude de possibilidades de se fazer presente em diversos meios.

A tradução intersemiótica é uma das variáveis que permite a transposição desses textos, e abre portas para a adaptação de textos hibridizados que configuram a (re)invenção de uma determinada narrativa. Cada texto é criado cheio de intencionalidades, um livro é criado para ser lido linearmente e interpretado através da construção semiótica gerada pela linguagem verbal; um filme é criado para ser visto e interpretado em sua linguagem de arte inventiva, dentro de uma sucessão de espaço e tempo circunscritos entre o início e o fim da exibição; uma música é criada para ser ouvida e interpretada através de melodia e letra. A adaptação para o audiovisual pode envolver uma transposição que se constitui no movimento entre “contar” e “mostrar” uma história, envolvendo leitura linear, linguagem de arte inventiva e música. Esse processo envolve uma série de questões que estão interligadas entre as pessoas responsáveis pela produção da adaptação e suas intenções políticas, culturais, pessoais, bem com a que audiência está direcionada.

Assim como a história vem se construindo e sendo (re)contada, atualmente, a quantidade de esferas midiáticas que permitem ao consumidor adaptar e recontar essas histórias se ampliou, através de plataformas que permitem essa (re)contagem. Entretanto, assim como a tradução ainda é vista como um trabalho secundário e subalterno, a adaptação também é. Hutcheon (2013) contra argumenta essa visão:

o romance, para ser dramatizado, tem que ser destilado, reduzido em tamanho e, portanto, inevitavelmente, em complexidade. O escritor e diretor Todd Williams, portanto, escolheu adaptar apenas o primeiro terço do romance *A Widow for One Year* (1998) de John Irving para seu filme de 2004 chamado *The Door in the Floor*. A maioria dos revisores viu esse corte como negativo, como subtração, mas quando as tramas são condensadas e concentradas, às vezes podem se tornar mais poderosas (HUTCHEON, 2013, p. 36 – tradução nossa).

A adaptação trata de uma (re)criação, de uma (re)elaboração e de uma (re)escrita, por se tratar de outro produto, não podendo ser esperada que seja “igual” ao texto fonte, uma vez que a adaptação se concentra em outra forma de criar, em outros ambientes e sistemas de signos que abrem portas para novos personagens, novas perspectivas, novas características que podem ou não seguir o fluxo da narrativa que deu origem à adaptação, mas, que podem manter a sua essência. Hutcheon (2013) afirma que a televisão compartilha de alguns fatores comuns com o cinema, no que diz respeito a questões de transcodificação

nas séries de TV, mas que essas séries, por terem mais tempo e flexibilidade disponíveis para o desenrolar da narrativa, não precisam necessariamente comprimir o texto adaptado.

Pensando no adaptador como criador, precisamos também considerar as razões pelas quais o adaptador faz suas escolhas, sejam elas relacionadas ao direcionamento da narrativa, à exclusão ou adição de personagens, à alteração do destino dos personagens, e assim por diante. Hutcheon (2013) afirma que há diversos fatores que motivam o adaptador a tomar essas decisões. O fator econômico gerado atualmente, com o rendimento bilionário nas bilheteiras, é uma dessas razões. Motivos pessoais e políticos também estão no patamar de influências sobre esse trabalho.

Levando em consideração as questões discutidas anteriormente, temos em mente a organização da sociedade desde sua estrutura mais básica, enquanto um aspecto cultural que envolve planejamento político, social e econômico, e que dissemina práticas comportamentais nas esferas que se localizam, de forma individualizada e em sociedade. Dentre esses aspectos, temos em mente a organização sócio-política vivida em esfera global.

The Handmaid's Tale, a princípio, retrata uma realidade que se passa onde um dia foram os Estados Unidos, mas que se torna a República de Gilead, após um golpe militar que se caracteriza por ideologias de viés teocrático em regime totalitário. No contexto do romance, a tomada de poder reflete em todo o sistema organizacional da sociedade, permitindo que novas leis e diretrizes sejam criadas após a suspensão da Constituição dos EUA. Há uma série de mudanças decorrentes dessas leis, que agora são regidas à luz do antigo testamento da Bíblia, tais como a hierarquização das mulheres, dos homens, o comércio, que agora gira em torno de outro sistema monetário, a ditadura de comportamentos apropriados em concordância com o gênero feminino ou masculino, o conjunto de ações envolvendo a punição daqueles que não seguem estritamente o que é previsto por esses mandamentos e a forma de comunicação da sociedade.

Essas mudanças refletem o abuso de poder daqueles que o tomaram e nos fazem pensar na mudança de contexto e das práticas socioculturais em nova realidade pós-tomada do poder. Os EUA, que antes eram a nação que garantia o sonho americano, torna-se uma república que impõe os interesses do Estado à frente de seu povo. A ficção traz à tona uma realidade temida por todos – nos EUA, no Brasil, na Europa –, e que representa uma realidade vivida em muitos países da África e Oriente Médio. Uma realidade aparentemente distante, mas possível, que já foi vivida, de certa forma, durante a ditadura militar no Brasil e durante a Segunda Guerra mundial. Buscamos observar aqui como esses aspectos culturais são retratados na realidade histórica por trás do romance.

3. O ROMANCE, A SÉRIE E UM ESTUDO ACADÊMICO

Tendo em vista a globalização e seus aspectos, que corroboram para a criação e expansão de novas redes e meios de comunicação, e pensando nos Estudos da Tradução como ciência interdisciplinar, localizamos este estudo na área de Tradução de Multimídia, uma vez que o objetivo deste artigo se constrói a partir da análise da adaptação do romance para uma mídia digital – a série de TV – e, também, por investigarmos a tradução intersemiótica a partir da construção e representação de uma personagem que é transposta de um meio multisemiótico para outro. Sendo assim, tomamos o produto traduzido e adaptado (a série de TV), para que seja analisado o processo de desenvolvimento de tal tradução midiática, considerando uma série de decisões que viabilizam a (re)construção e (re)contextualização de narrativas entre essas mídias.

Esses processos estão diretamente ligados à tradução como interação e produção cultural situada em contextos históricos diversos, fazendo-nos pensar no que Pagano (2001, p. 11) afirma a respeito dos contextos em que “[e]special ênfase é dada à historicidade do fenômeno tradutório e aos múltiplos enfoques passíveis de serem utilizados quando se visa examinar a inserção da tradução como prática cultural de reescrita e recontextualização de textos”. Ou seja, os processos tradutórios vão além da transposição de signos verbais de uma língua para outra e esses processos estão intimamente ligados à história e cultura de quem traduz e para quem se traduz, além de estar presente no processo de (re)escrever e (re)contextualizar.

3.1 THE HANDMAID’S TALE – do romance para a série

The Handmaid’s Tale, traduzido por Ana Lucia Deiró como O Conto da Aia, é um romance de autoria da escritora canadense Margaret Atwood, autora de mais de quarenta livros de ficção, poesia e ensaios críticos. Publicado em 1986, o romance retrata uma realidade distópica no contexto dos Estados Unidos. Diante de uma queda significativa nas taxas de natalidade na extensão do país, devido a um ambiente tóxico que agora se instaura, o país é tomado por um Estado teocrático e totalitário, suspendendo a Constituição e transformando o país no que posteriormente seria a república de Gilead.

Após a tomada do poder, instituições de ensino superior foram extintas e o acesso à informação limitado. Jornais, revistas, livros, filmes foram proibidos e queimados em praça pública. Na república de Gilead, minorias são consideradas pecadoras diante de suas práticas e, em seguida, castigadas por não seguir o modelo de comportamento agora imposto pelo Estado teocrático. Uma dessas minorias representa as mulheres, agora divididas de forma hierárquica entre: Esposas de Comandantes, Marthas, Tias, Não-mulheres, Salvadoras e Aias. Cada uma dessas categorias é responsável agora por

uma determinada função para o Estado. O precedente bíblico que envolve o totalitarismo teocrático nessa realidade é a história bíblica de Jacó e suas duas esposas, Leia e Raquel, e suas duas Aias.

O romance é narrado da perspectiva de uma Aia, que antes da tomada do poder se chamava June e agora, sem identidade, é denominada de Offred. A Offred foi designada a função de Aia, pelo fato de que a mesma fazia parte de um relacionamento que na realidade atual era designado como uma relação adúltera, uma vez que o seu companheiro Luke já havia casado uma vez e esse seria o seu segundo casamento, relacionamento instituído como adúltero, de acordo com as novas regras. Agora, afastada da sua família – marido e filha – Offred pertencera ao governo e sua única função é procriar, independentemente de sua vontade. Todas as Aias agora passam a ter suas vidas comandadas e devem seguir à risca uma programação de rotina estrita, com momentos designados para as aulas, para a alimentação, para dormir e para orar. Até mesmo as idas ao banheiro são contabilizadas e têm um limite diário.

Em uma nova edição do livro, publicada no ano de 2017, que dispunha de uma introdução à obra *The Handmaid's Tale*, a escritora Margaret Atwood detalha como se deu parte do processo de produção do romance. Primeiramente, segundo Atwood (2017, p. XIII), a escrita do mesmo foi iniciada no ano de 1984 e levou pouco mais que o esperado por ela para ser finalizado. A princípio, o livro não foi intitulado como *The Handmaid's Tale* e sim como *Offred*, nome da personagem principal.

Na época em que o livro estava sendo escrito, a autora vivia em Berlim Ocidental, na Alemanha, que ainda estava dividida pelo Muro de Berlim. Qualquer mudança poderia acontecer a qualquer momento, devido às circunstâncias que naquele momento faziam parte de sua realidade. A autora afirma que, por alguns anos, evitou contato com o livro, por acreditar que o mesmo se tratava de uma aventura arriscada. Segundo Atwood, desde seu período no ensino médio, ela esteve em contato com leituras de ficção científica, ficção especulativa, utopia, distopia, mas até o momento da escrita de *The Handmaid's Tale*, Atwood nunca tinha escrito obras distópicas.

O romance foi escrito não apenas como uma distopia, mas como uma distopia que dialoga com a audiência no tocante a uma possível relação de aproximação com uma realidade já vivida na(s) história(s) em seus mais diversos contextos. Sendo transposta, posteriormente, para a série homônima, que tornou ainda mais próxima uma realidade que é temida, em geral, pelas mulheres, ou seja, o retorno a valores conservadores patriarcais e à violência física e psicológica sofrida por essas mulheres.

As séries de TV podem ser entendidas como instrumento de representação, uma vez que apresentam configurações de uma determinada sociedade, em um determinado local e tem-

po, que refletem através de meios semióticos as características de povos e culturas. De acordo com Onstad (2017) em redação para o jornal *The New York Times*, *The Handmaid's Tale* é uma série de televisão estadunidense exibida pela primeira vez em abril de 2017, criada por Bruce Miller e baseada no romance homônimo de 1985, de Margaret Atwood. Chaney (2017) afirma que, classificada como um drama, *The Handmaid's Tale* foi encomendada pela plataforma de streaming Hulu com uma demanda de produção de 10 episódios para o final de 2016. Os três primeiros episódios da série foram exibidos em 26 de abril de 2017 e os episódios seguintes contaram com uma sequência de exibição semanal. Assim como a obra de origem, a série retrata uma distopia em que há um colapso de fertilidade, devido ao ambiente tóxico que se instaurou, levando mulheres férteis a serem capturadas no intuito de servir como Aia para comandantes de uma elite regida pelo regime teocrático totalitário que agora governa a república de Gilead.

The Handmaid's Tale foi aclamada pela crítica televisiva, obtendo, no ano de 2017, os prêmios de melhor série dramática e melhor roteiro em série dramática no Emmy Premiere (LOS ANGELES TIMES STAFF, 2017). Ainda em 2017, a série também foi contemplada com o TCA Award, sendo premiada como programa do ano e como série dramática (AROUCA, 2017). Em 2018, a série foi premiada novamente na categoria de série dramática, pelo Globo de Ouro (MOLINA, 2018) e pelo Critics' Choice Television Award (ENG, 2018). A atuação na série também concedeu a algumas atrizes várias premiações: Elisabeth Moss, por exemplo, atriz principal (Offred), que também participou da série como produtora, foi premiada como melhor atriz em série dramática pelo Critics' choice television award (ENG, 2018) e pelo Emmy Premiere em 2017 (LOS ANGELES TIMES STAFF, 2017), e, em 2018, pelo Globo de Ouro (MOLINA, 2018).

Para este estudo, o corpus está organizado a partir da seleção de quatro cenas da série *The Handmaid's Tale* (2017) e um trecho do romance original *The Handmaid's Tale* (1985). A narrativa do romance é construída em primeira pessoa, a partir da perspectiva de June – uma das mulheres que se tornou Aia e é amiga de Janine, sendo chamada de Offred após ser designada para um dos Comandantes. A partir da perspectiva dessa personagem, temos acesso a uma descrição peculiar das mudanças implementadas na sociedade. Essas mudanças são apontadas desde um ambiente mais específico – o seu quarto aparentemente padronizado – até outras áreas das casas, externas e internas, e da república onde vivem. Ainda através da descrição de Offred, temos acesso a detalhes que nos permitem criar uma imagem que representa e distingue cada um/a das/dos personagens presentes no enredo.

A narrativa do romance e da série muitas vezes não obedece a uma cronologia linear, uma vez que o andamento do romance e da série se concretiza através das lembranças de Offred. Sendo assim, a análise de dados aqui será dividida em dois momentos. No primeiro momento, iremos descrever a personagem Janine como representante do universo feminino na obra (romance e série). Em seguida, discutiremos as implicações dessa personagem dentro do contexto político, comparado à realidade mundial atual.

4. DE JANINE A OFDANIEL: do romance para a série

A descrição da personagem Janine no romance surge a partir dos momentos em que June a encontra nos arredores da República de Gilead e a partir dos momentos que ambas convivem no Centro de Treinamento. No primeiro capítulo, Janine – assim como outras personagens de relevância para o romance – tem apenas o seu nome mencionado, e só é mencionada novamente no capítulo 5, já como Ofwarren. As Aias são apagadas de suas identidades originais e nomeadas de acordo com o nome do Comandante ao qual irão servir, usando o prefixo Of como indicador de pertencimento a alguém, neste caso, ao Comandante Warren. Na série, a primeira vez que Janine aparece é quando as mulheres capturadas passam por uma “lavagem cerebral” no Centro Vermelho, à medida que a Tia Lydia leciona uma disciplina de Ciências Domésticas e novas integrantes estão chegando ao centro, e esse momento não é descrito no romance.

Durante este primeiro momento em que Janine aparece, Tia Lydia discorre a respeito do que ela chama de uma praga especial enviada por Deus, a infertilidade, e mostra índices da queda nas taxas de natalidade sofrida nos últimos anos, ao mesmo tempo em que também discute questões que contribuíram para essa queda. A criação de pílulas anticoncepcionais, pílulas do dia seguinte, o “assassinato” de bebês (aborto) em associação com as práticas desempenhadas por mulheres nos tempos anteriores à tomada do poder são alguns dos fatores mencionados por ela como causas dessa queda. No decorrer da aula, Tia Lydia faz referência às mulheres como responsáveis e culpadas desses índices, por usarem métodos anticoncepcionais e, também, por considerar suas práticas sociais como “orgias”, chamando essas mulheres de sujas. Nesse momento, todas as mulheres – exceto as que chegavam agora ao centro – estão em suas vestes vermelhas – vestes designadas para Aias – sentadas em carteiras que fazem parte de uma sala de aula com tela de reprodução e projetor. Duas dessas mulheres recém-chegadas são June e Janine, como veremos na Figura 1, abaixo:



Figura 1 – Janine chega ao Centro Vermelho

Fonte: SERIES ONLINE HD. Séries Online HD - Animes Online - Filmes Online. 2017. Disponível em: <<http://www.seriesonlinehd.cc/>>. Acesso em: 30 jan. 2018. Episódio 01 (18:03 min)

Observamos, através dos elementos imagéticos na Figura 1, a distinção na postura corporal e facial entre as duas personagens. Enquanto June (à esquerda) se caracteriza de forma aparentemente mais amedrontada e submissa, se sentando de modo semelhante às outras mulheres na sala, de forma ereta, e com um olhar assustado, Janine (à direita) se configura numa postura intimidadora, com os braços cruzados, como uma pessoa destemida, irreverente, dona de si e autossuficiente, lançando um olhar superior, com a sobrancelha arqueada, e sorriso impetuoso, duvidoso e irônico. Esses traços de Janine, irreverente e desafiadora, não são tratados no romance. Janine aparece no romance como uma pessoa submissa e como uma true believer, que na série surge apenas após uma série de acontecimentos violentos sofridos pela personagem. Entendemos essas mudanças como transmutações realizadas a partir da adaptação. Outra característica dessa personagem que difere nos dois ambientes é a cor do seu cabelo. Na série, Janine tem cabelos vermelhos, divergindo da sua descrição do livro, como loira.

A configuração física, psicológica e a presença ou não de um ou mais determinados personagens em adaptações são elementos que estão diretamente ligados ao processo de adaptação, que diz respeito a questões culturais, sistemas de significações e interesses pessoais (HUTCHEON, 2013). Assim, entendemos que a mudança da cor dos cabelos de Janine, assim como os aspectos comportamentais iniciais da personagem na série, foram escolhas do adaptador, que tem a autonomia para mudar qualquer sistema de significações e atribuir outras características aos personagens, visando alcançar seus objetivos.

Após a fala de Tia Lydia sobre a fertilidade ser um dom de Deus, que as deixou intactas por um propósito bíblico, e o quanto elas são privilegiadas por simplesmente estarem ali, escolhidas para dar à luz aos filhos dos líderes da República, Janine ri e faz uma piada chamando a atenção das outras mulheres e de Tia Lydia, que vai ao seu encontro com um sorriso irônico no rosto dando-a boas-vindas ao Centro e a mandando levantar. Janine não se levanta e ofende Tia Lydia. Como punição, Tia Lydia diz “Bem-aventurados os humildes, querida” e, em seguida, Janine recebe um choque com um taser. Com isso, Janine cai no chão e é recolhida por duas outras Tias e só aparece mais tarde – quando todas as futuras Aias já estão deitadas em suas camas – com um tampão no olho conforme a imagem abaixo.

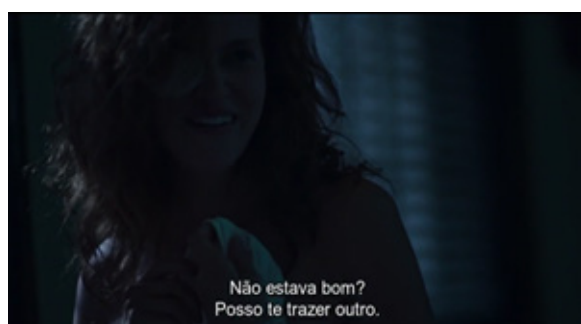


Figura 2 – Janine tem um lapso de consciência

Fonte: SERIES ONLINE HD. Séries Online HD - Animes Online - Filmes Online. 2017. Disponível em: <<http://www.seriesonlinehd.cc/>>. Acesso em: 30 jan. 2018. Episódio 01 (36:38 min)

O fato de Janine ter seu olho arrancado surge apenas na série. Embora as torturas sofridas por Janine na série sejam circunscritas por nossa interpretação e não em cenas, assim o fazemos através de uma série de aspectos extralinguísticos e multisemióticos. Segundo Gonzáles (2014, p. 120) esses aspectos dizem respeito aos significantes visuais, gestuais e auditivos que são cruciais durante a fase de (re)escrita da obra a ser transposta para a atuação. Primeiramente, Janine é levada ao dormitório das Aias acompanhada e sustentada por duas Tias – uma de cada lado, segurando seus braços –, o que nos permite pensar que a mesma estava incapacitada de andar. Em seguida, o movimento da câmera segue os movimentos de Janine até que em um close up podemos ver Janine com uma espécie de curativo em seu olho esquerdo. Neste momento da série, ouvimos Janine murmurar à medida que a vemos confusa, ao se movimentar de um lado para o outro, andando em direção à janela e sorrindo para o que em sua mente seria um cliente em seu antigo ambiente de trabalho. Acompanhamos a construção de insanidade da personagem, observando seu monólogo.

Assim, com base nos elementos que temos acesso à medida que a cena se desenrola, vamos criando significados e interpretando o que possivelmente houve para que a personagem entrasse em transe daquela forma, e para isso nos baseamos no que Arrojo (1992, p. 64) menciona a respeito do processo de interpretação, que “[...] acaba sendo uma atividade em que ao ‘significado original’ são acrescentados novos matizes de significação”. Dessa forma, entendemos que o seu olho fora arrancado como punição, e que o comportamento da personagem pode ser entendido como uma reação posterior ao trauma de ter sofrido tamanha violência.

Neste mesmo episódio, Janine é levada para participar de uma Cerimônia, o Testemunho. O Testemunho é o momento em que uma Aia irá contar uma história de algo que passou em sua vida nos “tempos anteriores”. Com o seu olho arrancado, Janine mostra expressões mais contidas, controladas, conformadas, com um olhar estático, apático, testemunhando um estupro coletivo que sofreu aos 14 anos e que, como consequência, engravidou e, posteriormente, sofreu um aborto. O olhar de Janine é retratado na imagem a seguir.



Figura 3- Janine testemunha sobre estupro sofrido

Fonte: SERIES ONLINE HD. Séries Online HD - Animes Online - Filmes Online. 2017. Disponível em: <<http://www.seriesonlinehd.cc/>>. Acesso em: 30 jan. 2018. Episódio 01 (26:23 min)

Em comparação à Figura 1, vemos o quanto o sofrimento de Janine reflete agora no seu comportamento assim como também podemos perceber o quanto a “educação” que ela e as outras Aias recebem influencia sua vida, seja de forma física, psicológica ou na sua identidade. Através do que Jakobson (2004) apresenta como tradução intersemiótica sendo uma atividade que vai além da transposição de palavras entre línguas, podemos compreender a transposição de características físicas e emocionais da personagem em questão como um ponto desse tipo de tradução, uma vez que a mesma não necessita de palavras para expressar seus sentimentos, nem mesmo a narradora precisa descrever estes sentimentos. Percebemos esses fatores à medida que Janine tem suas expressões transformadas, de uma personagem que transborda autoconfiança e desdém na Figura 1, para uma personagem que tem expressões e olhar apático na Figura 3. Esses são fatores que também podemos perceber na Figura 4, abaixo.



Figura 4 – Janine é culpada pelo estupro I

Fonte: SERIES ONLINE HD. Séries Online HD - Animes Online - Filmes Online. 2017. Disponível em: <<http://www.seriesonlinehd.cc/>>. Acesso em: 30 jan. 2018. Episódio 01 (27:25 min)

Na Figura 4, vemos que Janine abaixa a cabeça à medida que a Tia Lydia se aproxima. Esse comportamento também pode ser comparado ao comportamento apresentado pela personagem na Figura 1. Anteriormente altiva, agora Janine apresenta uma postura submissa ao baixar seu olhar e cabeça diante de Tia Lydia. No trecho abaixo, temos o texto fonte que foi traduzido para esse momento da série.

Trecho 1 – Capítulo 13

It's Janine, telling about how she was gang-raped at fourteen and had an abortion. She told the same story last week. She seemed almost proud of it, while she was telling. It may not even be true. At Testifying, it's safer to make things up than to say you have nothing to reveal. But since it's Janine, it's probably more or less true. But whose fault was it? Aunt Helena says, holding up one plump finger. Her fault, her fault, her fault, we chant in unison. Who let them on? Aunt Helena beams, pleased with us. She did. She did. She did. Why did God allow such a terrible thing to happen? Teach her a lesson. Teach her a lesson. Teach her a lesson. (ATWOOD, 1986, p. 71-72)

Durante esta cena, Janine explica como o estupro aconteceu. Desde a quantidade de homens que a estupraram até o ambiente em que isso aconteceu. Percebemos o quanto o comportamento de Janine mudou, não apenas através de seu olhar e do fato de a mesma ter abaixado a cabeça, mas por percebermos o quanto a personagem se envergonha à medida que conta a história do trauma sofrido aos quatorze anos. Interpretamos violência sofrida por Janine aos 14 anos nos aliando aos elementos imagéticos e sonoros, uma vez que a personagem começa a baixar a cabeça, conforme a Tia a acusa em frente a todas as outras Aias de ser a culpada daquela violência, e as Aias são obrigadas a concordar e apontar para Janine, dizendo que aquilo aconteceu para que Janine tivesse uma lição, em uma espécie de “canto” em que as Aias repetem várias vezes a frase “Teach her a lesson”.

De acordo com Cintas e Remael (2014, p. 45) “[f]ilmes são textos que apresentam uma enorme complexidade semiótica uma vez que sistemas de signos diferentes cooperam para a criação de uma estória coerente” (tradução nossa). Assim como os filmes, as séries e outras mídias responsáveis por esse tipo de (re)produção imagética também se caracterizam por essa complexidade, uma vez que vários sistemas de signos são criados no intuito de facilitar e tornar agradável a compreensão do espectador.

Pensando no que diz respeito aos diversos fatores que envolvem uma adaptação, percebemos o quanto a personagem Janine se configura de forma distinta, física e psicologicamente, nesses momentos, entre romance e série. No romance, muitas vezes Janine pode ser compreendida enquanto uma *persona non grata* pelas outras Aias, mesmo sendo uma delas, enquanto na série ela representa nesse momento uma personagem forte e depois, com o passar dos episódios, é vista como uma pessoa enlouquecida e digna de pena.

A construção de personagens na adaptação do romance *The Handmaid's Tale* para a série de TV tomou espaço nas mídias como algo que representa a realidade feminina encarada em caráter mundial. Características como a competição feminina – seja para ser a que tem a atenção e o “respeito” das Tias, seja para quem consegue engravidar primeiro – e a forma como as mulheres foram obrigadas a fazer qualquer coisa que lhes fuge ao direito garantido pela constituição. A violência presente em *The Handmaid's Tale* se configura como acontecimentos que foram presenciados no mundo em tempos antigos, tempos de guerra, na atualidade, em países do Oriente Médio, com regimes baseados no extremismo religioso, em que mulheres são subjugadas ao poderio de homens e do Estado.

Segundo Carlos (2006), as séries de TV passaram a adotar esse caráter impactante no intuito de ganhar proximidade com a realidade à medida que traz à tona questões de vivência diária, seja na nossa ou na realidade de outros. Dessa forma, as séries contemporâneas remontam a realidades que interrogam e denunciam valores, ideologias, direitos, questões socioculturais, questões psicológicas e verdades esquecidas, veladas pela intolerância.

Algumas das características percebidas através das vestimentas apresentadas na série nos remetem a realidades orientais, em que mulheres usam burcas de forma obrigatória, pelo fato de seus corpos serem considerados vulgares, provocando nos homens desejos que eles não deveriam sentir, além dessas vestimentas terem características de uma determinada religião. Em *The Handmaid's Tale*, além de uma série de comportamentos que retratam comandos em exércitos, as Aias são obrigadas a usar uma espécie de chapéu branco chamado de *Wings* que as impede de ter qualquer contato visual com o que “não deveria”, impedindo de ver e de serem vistas, uma espécie de antolhos de cavalo. Esses chapéus são usados apenas pelas Aias para saírem de casa.

Após engravidar e parir, Janine reaparece no romance nos momentos em que mencionam a criança a qual ela deu à luz. As figuras a seguir representam cenas que não foram descritas no romance, portanto, são cenas criadas para a série.



Figura 5 – Janine ameaça pular da ponte

Fonte: SERIES ONLINE HD. Séries Online HD - Animes Online - Filmes Online. 2017. Disponível em: <<http://www.seriesonlinehd.cc/>>. Acesso em: 30 jan. 2018. Episódio 09 (38:41 min)

Nesta cena temos a presença das Tias, dos Comandantes e das Esposas. Após amamentar sua filha por determinado tempo, Janine foi separada da sua filha e trocada de posto, indo para a casa de outro Comandante, uma vez que a mesma já havia cumprido o seu propósito no posto do Comandante Warren. No posto que nesse momento Janine ocupa, seu nome foi mudado pra Ofdaniel e na noite de Cerimônia, no momento em que o seu novo Comandante iria tentar engravidá-la, ela se comporta de forma histérica, grita e foge. Algo que também não temos acesso no romance é o que acontece com Janine no posto anterior ao de Ofdaniel. Na série, Janine se envolve com o seu Comandante, Warren, que em troca de favores sexuais promete a ela fugir para casar e formar uma família com a sua nova filha. Janine surta ao ser enviada para o novo posto e sequestra a sua filha, que agora é propriedade do Comandante Warren e de sua Esposa, e foge para a ponte no intuito de acabar com o seu sofrimento.



Figura 6 – Janine lamenta sobre a ponte

Fonte: SERIES ONLINE HD. Séries Online HD - Animes Online - Filmes Online. 2017. Disponível em: <<http://www.seriesonlinehd.cc/>>. Acesso em: 30 jan. 2018. Episódio 09 (37:06 min)

A Figura 6 apresenta Janine fora de si, chorando e segurando sua criança à medida que expõe na frente de todos o que aconteceu entre ela e o Comandante. Após esse diálogo, Offred se aproxima na tentativa de acalmá-la e devolver a criança aos seus donos. Offred a convence e consegue salvar a criança. Percebemos, com base nas expressões de Janine, quão desapontada e desequilibrada ela está. Em um momento de desespero, Janine sorri e se joga da ponte. Esses acontecimentos não fazem parte do romance. Assim, o destino da personagem Janine na série de constrói de uma forma completamente distinta do romance de origem. Após a tentativa de suicídio, Janine é retirada do rio e é levada até um centro de recuperação onde a mesma sobrevive e é condenada à morte por apedrejamento, por ter colocado em risco a vida de uma criança.

Reforçamos a representação da cor dos cabelos de Janine – ruivos –, representando de forma histórica e cultural a revolta a revolução. Através dos séculos, a história relata valores e características atribuídos a pessoa com cabelos vermelhos/ruivos, uma vez que essa cor de cabelo é incomum, sendo naturalmente presente em pequenas parcelas populacionais. Na Idade Média, por exemplo, essa cor de cabelo foi atribuída ao mal, a bruxas, ao pecado, a mulheres que iam de encontro aos valores pregados e pré-determinados socialmente. Podemos então, interpretar a escolha da cor do cabelo de Janine como uma forma de representar uma personagem transgressora, que não se curva com facilidade diante de uma realidade que fez a maioria daquelas mulheres se curvarem. Assim, percebemos a natureza de Janine enquanto uma mulher que não abandona seus valores. É sucumbindo à loucura que Janine se mantém resistindo. Neste momento da série, Janine diz para as Aias, que a olham de forma surpresa, para que não joguem as pedras com muita força, o que, mais uma vez, demonstra a insanidade da personagem, uma vez que ali ela está posicionada para ser morta. Mas as Aias se compadecem de Janine e se negam a apedrejá-la. No romance, não temos conhecimento do destino da personagem e na série este é o último momento em que ela aparece.

Tendo em vista que a adaptação permite que mudanças diversas sejam feitas tanto na narrativa do texto de partida, quanto nas personagens e ambientes, refletimos sobre as razões pelas quais essa personagem, em especial, foi construída como foi, na série. Assim, enquanto no romance a personagem Janine surge algumas vezes e é descrita em algumas situações de forma superficial, na adaptação para a série, a mesma é construída de forma marcante e ampliada, atraindo influência para o enredo da série à medida que ganha expressão, por ser uma mulher que representa a situação feminina em diferentes contextos do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a leitura do livro e a observação da série, tivemos acesso a fatores que marcaram a vida de Janine, contribuindo para a sua insanidade, desde sua adolescência – quando foi estuprada – até o momento da tentativa de suicídio. A captura para se tornar Aia trouxe à tona, de certa forma, os conflitos pessoais mais obscuros que fizeram parte de sua vida. A partir do desenvolvimento da análise e da observação da construção da personagem, Janine, percebemos o cuidado da produção da série com as personagens, procurando traduzir as características físicas e emocionais de Janine de forma que a mesma pudesse ser representada como uma mulher de fortes opiniões e como uma mulher resistente aos abusos em todos os contextos.

The Handmaid's Tale retrata o retorno a valores radicais tradicionais e religiosos no momento em que apresenta, de forma perversa, a maneira como essas mulheres são “treinadas” como em um exército, para reproduzir imposições de comportamentos e pensamentos, colocando suas vidas em risco caso discordem do novo regime. Quando não são assassinadas, essas mulheres são violentadas através do estupro, da mutilação, assim como muitas mulheres no Oriente Médio. The Handmaid's Tale denuncia a luta de classes e a desigualdade de gênero, que há anos surgiu, permanecendo escancarada na sociedade e ainda perdurando como resquício do patriarcado que marca uma sociedade hipócrita. The Handmaid's Tale também denuncia um governo abusivo representado por ideias sexistas, misóginas e antidemocráticas, aproximando uma realidade que se localiza na contemporaneidade, à medida que reflete a destituição de direitos às próprias decisões, aos próprios corpos, como tem acontecido na “América de Trump” e como também tem ocorrido nos últimos anos no Brasil.

Percebemos que a Tradução Intersemiótica, a Teoria da Adaptação, as concepções de Interpretação e de Representação foram essenciais para a identificação, interpretação e compreensão dos fatores que compunham a personagem e o seu contexto, assim como para a descrição da representação da personagem na análise. Dito isso, também enfatizamos a necessidade e relevância de mais estudos que unam a Tradução Intersemiótica e a Adaptação, por serem teorias que se complementam, favorecendo a compreensão, interpretação e aproximação de mundos e culturas.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. Compreender x interpretar e a questão da tradução. In: ARROJO, Rosemary. O signo desconstruído: (Implicações para a tradução, a leitura e o ensino). Campinas, SP: Pontes, 1992.
- AROUCA, Michel. Os vencedores do TCA Awards 2017. 2017. Disponível em: <<https://seriemaniacos.tv/vencedores-tca-awards-2017/>>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- ATWOOD, Margaret. *The Handmaid's Tale*. New York: O.w. Toad, Ltd, 1986.
- ATWOOD, Margaret. O conto da Aia. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. Tradução de: Ana Lúcia Deiró.
- ATWOOD, Margaret. Introduction. In: *The Handmaid's Tale*. New York: Anchor Book, 2017.
- BARTON, David; LEE, Carmen. Linguagem no mundo digital. In: BARTON, David; LEE, Carmen. Linguagem online: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. Cap. 1. Tradução de: Milton Camargo Mota.
- BARTON, David; LEE, Carmen. Atuar num mundo social textualmente mediado. In: BARTON, David; LEE, Carmen. Linguagem online: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. Cap. 3. Tradução de: Milton Camargo Mota.
- CARLOS, Cássio Starling. Em tempo real: *Lost*, 24 Horas, *Sex and the City* e o impacto das novas séries de TV. São Paulo: Alameda, 2006.
- CHANEY, Jen. Hulu's *The Handmaid's Tale* Is Your Must-Watch Show This Spring. 2017. Disponível em: <<http://www.vulture.com/2017/04/the-handmaids-tale-hulu-review.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018.
- CINTAS, Jorge Díaz; REMAEL, Aline. The Semiotic of Subtitling. In: CINTAS, Jorge Díaz; REMAEL, Aline. *Audiovisual Translation: Subtitling*. New York: Routledge, 2014. Cap. 3.
- ENG, Joyce. 2018 Critics' Choice TV Awards: The usual suspects ('*Big Little Lies*,' '*The Handmaid's Tale*') dominate with one 'Good' surprise. 2018. Disponível em: <<http://www.goldderby.com/article/2018/2018-critics-choice-awards-tv-winners-big-little-lies/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.
- GONZÁLES, Luis Pérez (Ed.). Multimodality in Translation and Interpreting Studies: Theoretical and Methodological Perspectives. In: BERMANN, Sandra; PORTER, Catherine. *A companion to Translation Studies*. Oxford: John Wiley & Sons, Ltd, 2014. Cap. 9.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, [s.l.], v. 18, n. 2, 7 out. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>.

HUTCHEON, Linda; O'FLYNN, Siobhan. *A Theory of Adaptation*. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2013.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: VENUTI, Lawrence. *The translation studies reader*. New York: Routledge, 2004. Cap. 8. Advisory Editor: Mona Baker.

MACURA, Vladimír. Culture as Translation. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, Andre. *Translation, history, and culture*. London: Cassell, 1990. Cap. 6.

MOLINA, Adolfo. Globo de Ouro 2018 | 'The Handmaid's Tale' vence como Melhor Série Dramática. 2018. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/series-e-tv/2018/01/globo-de-ouro-2018-the-handmaids-tale-vence-como-melhor-serie-dramatica>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

ONSTAD, Katrina. 'The Handmaid's Tale': A Newly Resonant Dystopia Comes to TV. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/04/20/arts/television/the-handmaids-tale-elisabeth-moss-samira-wiley-margaret-atwood-hulu.html>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

PAGANO, Adriana Silvina (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras Ufmg, 2001. (Estudos Linguísticos: Volume 3).

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de interpretação na linguística: seus alicerces e seus desafios. In: SERIES ONLINE HD. *Séries Online HD - Animes Online - Filmes Online*. 2017. Disponível em: <<http://www.seriesonlinehd.cc/>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

LOS ANGELES TIMES. The complete list of 2017 Emmy winners and nominees. 2017. Disponível em: <<http://www.latimes.com/entertainment/tv/la-et-st-emmys-nominees-winners-list-2017-story.html>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. *The Map: A beginner's guide to doing research in translation studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

Sinara de Oliveira Branco

Professora Associada da Universidade Federal de Campina Grande. Membro do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (POSLE) da Unidade Acadêmica de Letras. Possui Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês, com pesquisa na área de Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina (2007), Mestrado em Linguística (2002), também pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês da UFSC, com pesquisa na área de Tradução. E-mail: sinara.branco@ufcg.edu.br

Nathallie Lima do Rêgo

Graduada em Letras-Inglês pela Universidade federal de Campina Grande. Professora integrante do Programa Idiomas sem Fronteiras do MEC/UFMG. E-mail: naatslie@gmail.com

Enviado em 30/05/2018.

Aceito em 30/06/2018.